

FIM DE SEMANA • 80

Paralelo aos dois mercados de habitação que consideramos em crónicas anteriores, haveria um terceiro mercado — o da habitação própria.

Poderia cada um, livremente, construir ou adquirir casa própria.

Afigura-se, porém, que este mercado de casa própria não deveria receber qualquer estímulo ou favor do Estado. Todos os seus recursos económicos, todo o auxílio das instituições de crédito dele dependentes, deveriam concorrer para o preenchimento da obrigação própria do Estado — a construção (ou fornecimento) da habitação social.

Temos em vista ainda que, no momento presente da economia nacional, talvez não seja de incitar à construção ou aquisição de casa própria, mas apenas, enquanto o Estado necessitar do investimento privado para resolver o problema habitacional, incitar, sim, à construção para arrendamento.

É que o investimento na aquisição de casa própria representa uma imobilização de aforro em benefício exclusivo do seu detentor e sem utilidade para a sociedade, a não ser a que, na fase inicial, vem do desenvolvimento da construção.

Ora o aforro deve, quanto possível, ser conduzido para investimento em empreendimentos económicos de utilidade nacional e não individual, personalista. Deve contribuir para investimentos que permitam o desenvolvimento da economia nacional; quer directamente, por iniciativa pessoal ou associada do detentor, quer indirectamente pelo depósito em instituição de crédito que o encaminhe para empreendimentos privados que a banca apoie e financie.

Por outro lado, a habitação própria traz o inconveniente da fixação do proprietário, é uma âncora a prendê-lo ao lugar. Na verdade, pode haver todo o interesse em que o proprietário se desloque, pela sua aptidão profissional, para local diferente do território, onde o seu trabalho pode ser muito mais útil e produtivo. Há sempre a tendência para o enraizamento à casa própria, atitude sentimental digna de respeito, mas que

pode ser prejudicial aos interesses gerais.

Mesmo que o detentor da casa própria se deixe vencer pela sedução de uma remuneração mais convidativa noutra local, ou até por questão de simples estímulo, preferência, ou realização pessoal, e se desloque, não põe a sua habitação própria no mercado do arrendamento, em primeiro lugar porque quer ter sempre disponível a sua casa para a ela vir quando quiser, em segundo lugar porque lá guarda as suas coisas, e em terceiro lugar porque receará compreensivelmente que um arrendatário deteriore a sua casa; encarará sempre a deslocação como um acidente temporário e quererá dispor da sua casa sempre que a ela queira regressar temporária ou definitivamente. São factores de psicologia humana que o economista não pode esquecer.

Tem-se então aforro totalmente inútil para a sociedade, com a agravante de que o proprietário deslocado vai ser mais um concorrente no mercado da habitação na localidade para onde for deslocado.

Em qualquer caso parece-me que este direito à casa própria deveria sofrer certas limitações — como o impedimento de moradias sumptuosas com dispêndio de solos e mobilização excessiva de capitais, o de uso de vastos espaços de terreno perdido em jardins, piscinas, tanques, culturas de luxo, etc.; a casa própria deveria limitar-se ao andar, hoje facilitada pela propriedade horizontal.

Isto, claro, para o que respeita aos grandes centros urbanos.

Para os meios rurais as limitações seriam mais de aspecto fiscalizador — para se ter a garantia de que os terrenos ocupados seriam utilmente agricultados.

E ainda não esgotamos a matéria.

VASCO LUIS

Nota: No «Fim de Semana» 79, na 2.ª coluna, 5.ª linha, onde se leu «voluntárias» deve ler-se «sumptuárias».

NOTÍCIAS DA CÂMARA

Obras

Neste sector pareceu-nos mais útil, de momento, aproveitar o trabalho técnico realizado, o processo burocrático em marcha, e os recursos financeiros assegurados para a realização das obras já programadas, do que planejar novas obras que demorariam necessariamente tempo a pôr em execução. Com a taxa de inflação a que temos estado sujeitos, qualquer demora reduz consideravelmente o valor dos recursos com que contamos. Outro factor importante a considerar, na actual conjuntura, é a criação de novas fontes de trabalho. Estabelecido este critério que admitimos ser perfeitamente discutível (e, neste sentido, agradecemos todos os conselhos), passamos a expor o que se passa neste campo.

SEGUNDA FAIXA DA AVENIDA 24

Posta a concurso esta obra as propostas ultrapassaram a base de licitação. Resolvemos, como é de lei, aumentar a base de licitação e abrir novo concurso. Novamente as propostas ultrapassaram a base de licitação, mas, agora, numa forma considerável. Perante isto e antes que os preços subissem mais, pusemos o problema à consideração das entidades competentes que nos autorizaram a adjudicar a obra ao concorrente que apresentou a proposta mais baixa. Para financiar esta obra conseguimos autorização para utilizar parte das verbas do fundo do turismo e uma comparticipação do Estado.

VIADUTO AO NORTE DE ESPINHO

Encontrou esta Câmara um empréstimo concedido pela Caixa Geral de Depósitos para esta obra, no valor de aproximadamente 6000 contos, e uma quantidade de trabalho já realizado. Procuramos saber a situação actual deste processo e verificamos que se encontra para apreciação no Conselho Superior de Obras Públicas já para despacho. Logo que a obra seja autorizada, começaremos.

VARIANTE A ESTRADA NACIONAL 109

Considerando esta obra muito importante para o desenvolvimento turístico e económico da região, temos realizado várias diligências para a sua realização. Ultimamente soubemos que o projecto se encontrava pronto até Espinho, e representamos, junto do Senhor Ministro do Equipamento Social e Ambiente, no sentido da sua rápida execução. Agradecemos a pronta colaboração da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Gaia que, na defesa de interesses mútuos, também representou nesse sentido.

ESTRADA DE LIGAÇÃO DE ESPINHO A GRANJA

A nosso convite deslocaram-se a Espinho alguns membros da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Gaia e, conjuntamente,

(Continua na pág. 4)

Novo compromisso político

Hoje, um dos factos mais salientes é a atracção que o socialismo exerce sobre as consciências dos cristãos mais empenhados. E de nada servem as advertências mais ou menos veladas; e até os marcos de fronteira levantados são alegremente deixados para trás. Para mais a imagem do cristianismo clássico está demasiado embaciada pela sua submissão inoperante aos condicionamentos sociais. Muitos cristãos descobrem que os valores evangélicos, muitas vezes ao longo da história e sobretudo no século passado, foram abandonados para se seguirem e defenderem as posições das classes dominantes da sociedade onde o cristianismo se tinha implantado em formas sociais.

Mas no coração do cristianismo sempre existira o compromisso com o mundo do pobre e do oprimido, numa palavra, com as classes exploradas. Além disso, o pobre é descoberto como um subproduto do sistema económico e social em que se vive e de que, afinal, somos responsáveis. O pobre não é uma fatalidade histórica, é o resultado de um sistema injusto. É sobretudo, aquele a quem se despoja do fruto do seu trabalho e a quem se chega a roubar o seu ser de homem, reduzido a simples força de trabalho e a quem se procura assegurar as energias necessárias para a produção.

A descoberta deste estado de pobreza obrigou, por isso os cristãos, com os outros homens igualmente empenhados nessa luta, a construir uma nova ordem social, diferente da actual.

Mas o pobre não é um homem isolado; forma uma classe social que é explorada por outra classe social. Optar pelo pobre significa optar por uma classe contra outra; ao mesmo tempo, é tornar-se solidário dos seus interesses e partilhar as suas lutas.

Tal escolha de campo implica um corte com o sistema económico vigente e provoca uma ruptura com tudo o que impede a solidariedade eficaz com os que sofrem uma situação de injustiça e de opressão.

OPÇÃO POLITICA

A passagem para o campo do oprimido tem de ser acompanhada de mudança de prática política. A actividade política deixa de ser reservada aos profissio-

PELO
P.º ANTÓNIO MORÃO

nais para se tornar dever e exercício de todos. Quando se opta por um compromisso libertador, verifica-se que a actividade política é mais que uma função que se pode ou não realizar, é uma dimensão da vida que abrange e condiciona toda e qualquer actividade do homem. Tal compromisso arrasta-nos a uma prática libertadora e subtrai-nos ao mero discurs-

so académico e retira-nos do refúgio fácil do conselho moral que aponta a paciência como a virtude principal e a obediência como a forma perfeita do cidadão domesticado.

Não admira, portanto, que cada vez mais cristãos ponham radicalmente em questão a ordem social dominante. E que eles se não contentem com simples reformas mesmo de fundo. A injustiça que notam nas relações sociais, torna-os membros activos da revolução social; e não falam só de desenvolvimento, aplicam as técnicas e práticas de libertação. A urgência da superação da sociedade dividida em classes só pode efectivizar-se mediante o poder político nas mãos e ao serviço das grandes massas populares. Mais, só a eliminação completa da apropriação privada dos meios de produção, da riqueza feita pelo trabalho humano garante a construção da nova sociedade baseada na justiça.

Por isso, o socialismo lhes parece o único caminho para essa sociedade. Ninguém ignora e mais que os adversários, os próprios que teimam em erguê-lo, reconhecem as suas realizações incompletas em que se traduziram os seus anseios de justiça. Mas saber as deficiências é mais um impulso para o esforço criador de novos caminhos do socialismo.

Os cristãos não procuram deduzir o socialismo do Evangelho; nele encontram razões para se empenharem mais ao ser-

(Continua na pág. 5)

AQUI
CARACAS!Noticias do grupo
«Espinho Viva»

O «Espinho Viva» trabalha...
... trabalha e não pára!

É este o «slogan» que dinamiza toda uma acção de um grupo de espinhenses radicados nesta longínqua Venezuela e que um dia chamaram a si, sacudidos por incontidas ondas de bairrismo, a criação desta nável agremiação que aqui está a causar incalculável furor!

«Espinho Viva», de fácil percepção, é colectividade esmaltada de acendrado afecto regional — a primeira no seu género a ser instituída na Venezuela — cujos fins que a ditaram e norteiam se estendem desde o benéfico ao desportivo, passando pelo cultural e pelo recreativo. O acolhimento proporcionado ao «Espinho Viva», não só pelas gentes vareiras mas também pelas de outras localidades tem sido extraordinário e isso resulta, necessariamente, da grande divulgação que lhe foi dada, o que sinceramente nos apraz registar. Pois o «Espinho Viva» realizou no passado sábado, dia 16, a sua segunda ceia de confraternização anual, acto que excedeu todas as previsões em organização e em

(Continua na pág. 4)

Cartório Notarial de Espinho

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 13 de Novembro de 1974, lavrada de folhas uma verso a quatro do livro de notas para escrituras diversas D-Número 8 deste cartório notarial de Espinho, os senhores ALVARO BRAGA FERNANDES LOPES e DAVID RODRIGUES DE SOUSA, ambos casados e residentes nesta cidade de Espinho, respectivamente, na Rua 18, n.º 512, 1.º andar, e na Rua 9 n.º 360, 1.º andar, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «ÚLTIMA — SOCIEDADE COMERCIAL DE IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E TURISMO, LIMITADA».

Segundo — A sua sede é na Rua Sessenta e Dois, número 97, desta cidade de Espinho, onde será também o seu escritório e domicílio legal.

Parágrafo único — Por deliberação da assembleia geral pode ser mudada a sede social e criadas filiais, agências, sucursais ou outras formas de representação social.

Terceiro — A sociedade teve início no dia um de Setembro deste ano e dura por tempo indeterminado.

Quarta — O seu objecto é a importação e exportação em geral e a indústria e comércio de quaisquer artigos para os quais a lei não exija formalidade especial, assim como ao exercício de quaisquer actividades relacionadas com o turismo.

Parágrafo único — Por deliberação da assembleia geral pode a sociedade dedicar-se a quaisquer outras mais actividades para as quais a lei não exija formalidade especial.

Quinto — O capital social, já integralmente realizado em dinheiro, é de 200 000\$00, e acha-se dividido pelos sócios em duas quotas, sendo uma no valor de 100 000\$00, pertencente ao sócio Alvaro Braga Fernandes Lopes, e outra de igual valor pertencente ao sócio David Rodrigues de Sousa.

Parágrafo único — Não são exigíveis suplementos aos sócios, mas estes podem fazê-los à sociedade, caso a assembleia geral delibere pedi-los, fixando-se nessa altura as respectivas condições de prestação e pagamentos, vencendo os mesmos o juro legal.

Sexto — A gerência, dispensada de caução, fica a pertencer aos sócios, que repartirão entre si as respectivas funções.

Parágrafo primeiro — Os gerentes podem delegar todos ou parte dos seus poderes em pessoas estranhas à sociedade, mas devem comunicá-lo com antecedência à sociedade por escrito e sendo tal substituição feita à sua conta e risco. E tais pessoas não podem ser das que exerçam actividade igual à da sociedade.

Parágrafo segundo — A assinatura de documentos de mero expediente pode ser feita por um só gerente ou seu substituto, devendo os que envolvam responsabilidade para a sociedade ser assinados ou por dois gerentes ou por um gerente e um representante de outro.

Parágrafo terceiro — É vedada aos gerentes e seus representantes a assinatura de documentos estranhos aos negócios sociais, respondendo individualmente o que violar esta proibição pelos prejuízos que causar à sociedade.

Parágrafo quarto — A representação da sociedade em juízo cabe a qualquer dos gerentes.

Parágrafo quinto — Em caso de morte ou incapacidade de qualquer gerente, a sua substituição far-se-á por deliberação da assembleia geral.

Parágrafo sexto — Também podem ser gerentes pessoas estranhas à sociedade, desde que para tanto haja acordo de setenta e cinco por cento do capital social.

Sétimo — É livre a cessão ou divisão de quotas entre sócios, cônjuges e descendentes. A outras pessoas só depois de autorizadas pelos não cedentes.

Parágrafo primeiro — Para tanto, o sócio interessado na cessão comunicará à sociedade e aos não cedentes por cartas

registadas com aviso de recepção dirigidas respectivamente à sede social e às residências dos últimos, indicando as condições do negócio.

Parágrafo segundo — A sociedade deliberará nos trinta dias imediatos se aceita ou não o negócio.

Parágrafo terceiro — Não o desejando a sociedade, pode qualquer dos não cedentes fazê-lo, comunicando-o àquela e ao cedente nos oito dias seguintes ao termo do prazo concedido à primeira.

Parágrafo quarto — O preço da cessão será pago em quatro prestações semestrais iguais, a primeira das quais se vence trinta dias após a aceitação do negócio pela sociedade ou pelos não cedentes.

Oitavo — Pode ser amortizada a quota do sócio que for penhorada ou arrestada.

Parágrafo primeiro — Para tanto, a sociedade reúne em assembleia geral dentro dos trinta dias a contar do conhecimento que tiver do facto.

Parágrafo segundo — O preço da amortização será fixado por um perito nomeado de comum acordo entre a sociedade e o sócio em causa ou, na falta desse acordo, por três peritos, designando aquela um, esse sócio outro e escolhendo esses dois técnicos o terceiro.

Parágrafo terceiro — Para fixação do valor da quota podem os peritos examinar toda a escrita e documentos sociais.

Parágrafo quarto — O preço será fixado dentro dos três meses seguintes à escolha dos peritos e será determinado pela média dos dois valores mais próximos.

Parágrafo quinto — Esse valor será pago em quatro prestações semestrais iguais, vencendo-se a primeira trinta dias após a determinação do valor a liquidar.

Nono — No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continua com os herdeiros do sócio ou interdito se for o sócio Alvaro Braga Fernandes Lopes, os quais, sendo menores, serão representados pelo representante legal e, não o sendo, nomearão entre si um que os represente na sociedade. Se se tratar do sócio David Rodrigues de Sousa, a sociedade continua (com os herdeiros, legítimos, nas condições acabadas de referir, no caso de esse sócio ter entretanto dissolvido o seu actual casamento, pois, caso contrário, a sociedade continua com os seus descendentes que não serão representados pela actual mulher desse sócio. Neste caso, e se esta adquirir parte desta quota, essa parte será amortizada, reunindo a assembleia geral dentro dos trinta dias imediatos para o efeito e sendo a mesma valorizada com base apenas no último balanço aprovado.

Décimo — Qualquer sócio pode, sem prejuízo dos negócios sociais, examinar por si ou técnico credenciado os livros e documentos sociais sempre que o deseje.

Décimo primeiro — Os lucros ou perdas serão repartidos pelos sócios na proporção das respectivas quotas.

Parágrafo único — Porém, dos lucros apurados será deduzida a percentagem para o fundo de reserva legal e a restante parte deles será afecta a outros fundos que a sociedade crie ou ao reforço daquele, só se distribuindo pelos sócios lucros de setenta e cinco por cento do capital social se assim o deliberar e mesmo assim só até ao limite de quarenta por cento dos apurados, salvo se todos os sócios decidirem outra coisa.

Décimo segundo — As assembleias gerais, salvo quando a lei ou este pacto outra coisa dispuserem, serão convocadas por cartas registadas dirigidas às residências dos sócios com antecedência mínima de oito dias, salvo se algum deles se achar ausente do país depois de informar a sociedade do facto, por escrito, pois, nesse caso aquele prazo é de trinta dias.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 14 de Novembro de 1974.

O Ajudante do Cartório,
(José dos Santos Sil)

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR
BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO
ANTONIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOAO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

VIDA REGIONAL

Comissão Administrativa para a junta de freguesia de Paramos

Na passada terça-feira, dia 3 do corrente, na Câmara Municipal de Espinho e por determinação Governamental, foi empossada uma Comissão Administrativa que irá orientar os interesses desta freguesia.

A referida Comissão, indicada pelos Partidos Políticos com representatividade nesta freguesia, é composta por:

Alcino Alves de Sá Fernandes
Manuel da Costa Lemos
Domingos Monteiro de Sá.

Os Partidos que se responsabilizaram pela lista apresentada (Partido Socialista, Partido Comunista e Movimento Democrático) designaram ainda outros indivíduos de Paramos que, juntamente com todo o Povo interessado, irá dar à Comissão Administrativa uma colaboração que se espera essencial para a resolução mais oportuna dos problemas da freguesia.

É de realçar que o Povo de Paramos reagiu com certo descontentamento quanto ao processo utilizado para a escolha, mas, numa Assembleia Pública, posteriormente levada a efeito pela Junta de Freguesia, embora para outro fim, foi o assunto amplamente discutido e dadas todas as explicações e justificações quanto ao processo que, por orientação superior, foi posto em prática.

Porém, não se confunda aquela Assembleia com uma outra, «realizada» na sede da Banda União Musi-

cal Paramense, na passada sexta-feira, dia 29 de Novembro, convidada através de altifalantes contratados por um pequeno grupo que nem sequer teve a dignidade de se declarar perante as pessoas presentes, que apenas puderam ver na mesa um indivíduo que também não disse quem eram os responsáveis que o encarregaram daquela missão. Pretendiam eles uma manifestação de protesto que não tiveram coragem de patrocinar seriamente e que achamos susceptível de dividir o Povo de Paramos, o que interessa evitar porque só beneficia a reacção.

Confiamos que o Povo de Paramos compreenda que a experiência ganha, na corajosa luta travada contra o anterior governo, pelos homens que hoje administram o País, permite indicar-nos com mais segurança e vantagem o caminho ideal para se chegar a um processo que se pretende verdadeiramente democrático, mas que, por falta de esclarecimento, não pode ainda, em certos casos, ser posto em prática, porque os derrotados ainda continuam entre nós espreitando e aproveitando todas as oportunidades que lhe forem deixadas.

Saibamos pelo menos compreender que só unidos conseguiremos fazer algo de mais válido nesta freguesia, onde nunca tivemos estímulo de união para realizar os justos anseios do povo de Paramos. Evite-se a divisão.

Domingos Monteiro

Restaurante do Hotel MAR AZUL

ABRIU AO PÚBLICO

Serviço à lista, Almoços e Jantares

Avenida Oito

■ ESPINHO

■ Telefone, 920824

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Habitações condignas...

Realizou-se no passado Domingo a anunciada reunião com elementos do «SAAL - SERVIÇO DE APOIO AMBULATORIO LOCAL» —, departamento do Fundo de Fomento de Habitação à qual estiveram presentes para além dos directamente interessados, várias pessoas que seguiram atentamente o desenrolar da reunião.

Por intermédio de um dos elementos do SAAL foi explicado que fundamentalmente aquele departamento pretende dar apoio directo às iniciativas de toda uma camada populacional mais desfavorecida em relação ao problema da habitação. Determinada zona habitacional depois de estimulada a formar-se em «Associação de Moradores», contactará o SAAL que lhe fornecerá todo o apoio técnico de que necessita para a realização de uma obra. Cabe aqui às Câmaras fornecer o terreno onde seriam construídas as habitações, tendo sempre em atenção os interesses, quer quanto ao tipo de construção quer quanto ao local onde se situar o terreno, dos sócios da Associação de Moradores. O Estado subsidiará cerca de 40 por cento do custo da obra, podendo o restante ser obtido por exemplo recorrendo a um empréstimo do Estado que seria pago na forma de uma renda. Aquela associação poderia

prolongar as suas funções em iniciativas de outro género que fossem de importância para a comunidade.

Depois de delineada a forma de actuação do SAAL foi aberto o diálogo com a assistência.

De salientar a intervenção de dois ciganos tendo um exposto com palavras de dura realidade a situação caótica em que vivem os seus familiares, e outro sendo concludente no facto de que o processo exposto ainda que extremamente válido, seria por demais moroso não resolvendo a situação em que se encontram algumas famílias, este inverno.

Foi sugerida por estas a construção de casas desmontáveis como solução de emergência.

Foi ainda focada por outra interveniente a situação dos pescadores e a possibilidade de ocupação de casas que se encontram vagas e não são alugadas, como possível solução a curto prazo de famílias onde o local onde vivem será tudo menos habitação condigna de qualquer ser humano.

Terminada a reunião os elementos do SAAL deslocaram-se à zona onde viviam os ciganos ali presentes, para constatar dos casos mais prementes a solucionar.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÓTUOS E FONEBRE FAMILIAR DE ESPINHO

Assembleia Geral Ordinária

Pelo presente convido os dignos consócios a reunirem em Assembleia Geral na Sede desta Associação, sita na Rua 22 n.º 327, no dia 15 do mês corrente, pelas 10,30 horas afim de tratarem da seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1.º Aprovação do orçamento das Despesas de Administração para 1975.
- 2.º Eleição dos novos Corpos Gerentes para o ano de 1975.

Antes da ordem e por um período de tempo limitado a trinta minutos, podem ser apresentados assuntos de interesse associativo, para serem tomados em consideração pela Direcção ou tratados em futuras assembleias gerais.

Atenção — Se no dia acima não estiver presente metade dos sócios, para o funcionamento da Assembleia ficam desde já avisados os srs. Associados de que a mesma Assembleia Geral, realizar-se-á no dia 22 do corrente, à mesma hora, reunindo então com qualquer número de sócios presentes, uma hora depois da marcada.

Espinho, 7 de Dezembro de 1974.

O Presidente da Assembleia Geral

Lusitano Gil

Colabore
para uma cidade limpa

ACTIVIDADES POLITICAS

No prosseguimento das suas actividades, o Partido Comunista Português promove hoje mais uma sessão de esclarecimento. Realizar-se-á pelas 21,30 horas de hoje na Escola Primária de Guetim, freguesia a que é especialmente destinada.

TRES ASSALTOS

Na noite de 21 para 22 de Novembro, houve três assaltos na cidade, actuando os ratoneiros no Centro de Saúde, no Café Palácio e no Cais da Estação da C. P. As diligências da PSP foram coroadas de êxito, sendo os autores da proeza detidos e enviados ao Tribunal da Comarca para formação de processo respectivo.

MAIS UM SEM CARTA DE CONDUÇÃO

Para poupar dinheiro ou por simples comodidade, há muita e boa gente que não hesita em conduzir automóveis sem possuir a respectiva licença. Tudo vai bem até que um dia de azar surge. Foi o que sucedeu a José Alves Martins, de Meladas, Moselos. Um agente da PSP deteve-o nesta cidade por conduzir ilegalmente um automóvel ligeiro de passageiros. E foi inevitável a sua condenação no Tribunal a que foi apresentado.

ANTES DO APITO DO ÁRBITRO

Domingo foi dia grande para os adeptos do futebol em Espinho. No Campo da Avenida actuava o Sporting Clube de Portugal, ainda detentor do título nacional da época passada. Dois apaniguados do pontapé na bola não chegaram a ouvir o apito do árbitro para o começo da contenda desportiva. Moram ambos no lugar de Repeses da freguesia de Ranzados, concelho de Viseu. Um tem 52 anos, é casado e chama-se Domingos Martins da Silva. O outro tem 36 anos, é solteiro e chama-se Arnaldo de Sousa Ferreira Cabide. Preferiram várias injúrias a um agente da PSP que não teve outra alternativa senão detê-los, para depois comparecerem no Tribunal.

DO HOSPITAL

Movimento de 26-11-74 a 3-12-74

Internamentos Gerais	65
Exames Radiográficos	144
Crianças Nascidas	22

Intervenções Cirúrgicas

Otorrino	15
Ortopedia	2
Obstetrícia	2
Cirurgia Geral	7

Serviço de Urgência

Homens	242
Mulheres	210

Internados entre outros

José Bernardo para Urologia, de Lamego;
Abigail Gomes da Silva para Medicina, de Guetim.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

4.º TURNO

Hoje, sábado, 7 — GRANDE FARMACIA, rua 62, 457 — Telef. 920092;
Amanhã, domingo, 8 — FARMACIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352;
Segunda-feira, 9 — FARMACIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Terça-feira, 10 — FARMACIA PALVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Quarta-feira, 11 — FARMACIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320;
Quinta-feira, 12 — GRANDE FARMACIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;
Sexta-feira, 13 — FARMACIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 7, amanhã, domingo, 8, segunda-feira, 9 e terça-feira, 10 — O ÚLTIMO TANGO EM PARIS, com Marlon Brando e Maria Schneider — 18 anos;
Quinta-feira, 12 — OUTONO ESCALDANTE, com Alain Delon e Sonia Petrova — 18 anos.
Sexta-feira, 13 — A VINGANÇA É O MEU PERDÃO, com Tab Hunter e Erika Blank — 14 anos.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Andreia Marta, filha de Adriano José de Sousa Tavares e de Maria Odete dos Santos Freitas Tavares.

Nuno Miguel, filho de Hernani Joaquim do Novo Pinhal e de Maria José Correia Pinhal.

Susana Cristina, filha de Manuel Fernando Rosado Lopes e de Maria Irene Gomes Araújo de Oliveira Lopes.

CASAMENTOS

Manuel Alberto Gomes da Rocha com Maria Flor Leite de Oliveira Rocha, na Igreja de Anta.

FALECIMENTOS

Em Espinho:

Domingos da Silva, viúvo de Rosa de Jesus, em 27 de Novembro.

D. MARIA PEREIRA DA COSTA

No passado dia 2, faleceu nesta cidade a sra. D. Maria Pereira da Costa, mãe das sras. D. Emília, Amélia e Catarina Pereira do Couto e dos srs. Celestino, António e Joaquim Pereira da Silva e avó do sr. Joaquim Pinto da Silva (Jó Silva).

O funeral teve lugar no dia seguinte da sua residência à Igreja Matriz e daí ao cemitério municipal.

A família agradece a presença de todas as pessoas das suas relações à Missa do 7.º Dia que se realiza na próxima 2.ª-feira, dia 9, pelas 19 horas.

Precisa-se

Empregada de Escritório

Com conhecimentos gerais de Contabilidade

Telefone, 921007

Menina

Oferece-se com o 5.º ano do liceu para emprego compatível

Informa telef. 920182

Aluga-se

ESTABELECIMENTO PARA

COMÉRCIO NA RUA 24 N.º 1001

E 1011. TELEFONE N.º 921418

Vende-se

TALHÃO TERRENO

Zona Industrial

Estrada do Golfe ESPINHO
Falar ao Telefone 921422

Notícias da Câmara

(Continuação da pág. 1)

estudou-se a melhor maneira de levar à prática esta obra. Da parte da Comissão da Câmara de Gaia foi-nos manifestado o melhor espírito de colaboração e estamos esperançados que em breve este problema será resolvido.

OBRAS DE DEFESA DA PRAIA

Esta obra, considerada a mais prioritária de Espinho, foi, desde a primeira hora, motivo de grande preocupação desta Comissão Administrativa que diligenciou junto das entidades competentes pela sua execução. Posteriormente recebemos uma representação assinada por mais de 600 pessoas, insistindo na urgência desta obra. Imediatamente transmitimos essa representação ao Exmo. Governador Civil, ao Senhor Ministro da Administração Interna, quando da sua vinda a Aveiro, e à Direcção Geral de Portos. Deslocamo-nos, mais tarde, a Lisboa e na Direcção Geral de Portos tivemos oportunidade de, em cordial entrevista, pôr o problema aos srs. Engs. Tomé e Muñoz, que desde logo nos manifestaram a melhor vontade em resolver o problema. Foi já, como oportunamente informamos, concedida uma primeira verba de 1.600 contos para conservação das obras realizadas. Foi-nos também dito que se encontra em estudo um plano para a recuperação do areal perdido. Não deixaremos de fazer tudo que estiver ao nosso alcance para a mais rápida solução deste problema.

INFANTÁRIO

Encontramos estas obras paralizadas e logo nos pusemos em contacto com o Exmo. Senhor Ministro de Assuntos Sociais e com outras entidades que superintendem neste assunto, mas infelizmente sem qualquer resultado. Telefonamos para o Chefe de Gabinete, do senhor Ministro que amavelmente nos atendeu e prometeu estudar o processo. Mais tarde telefonou a comunicar-nos que, tendo procurado em todas as repartições do Ministério, nada encontrou dos nossos ofícios. Pediu-nos que lhe remetêssemos todo o processo para a sua direcção e prometeu-nos a melhor boa vontade para este problema.

C. P.

Os nossos contactos com esta empresa caracterizaram-se inicialmente por um diálogo de surdos; oficiamos, representamos, etc., mas resposta nada. Mais tarde recebemos a notícia de que estava adiantado o estudo dum abrigo para o apeadeiro de Paramos. Ultimamente, e com a ajuda do novo Governador Civil de Aveiro, conseguimos uma entrevista com o Exmo. Senhor Secretário de Estado das Comunicações e com o senhor Eng. Valter Rosa, administrador da C. P. Nesta entrevista pusemos todos os problemas pendentes com a C. P. — desde a mudança do malfadado barracão até a vedação da linha. Foi-nos prometida uma resposta pronta e objectiva. Aguardamos, para voltar à carga, se assim for necessário.

(Continua)

AQUI CARACAS!

NOTÍCIAS DO GRUPO «ESPINHO VIVA»

(Continuação da página 1)

concorrência. Mais de duzentos convivas participaram na festa, aliás com grande predominio feminino, o que contribuiu, fundamentalmente, para emprestar mais brilho e mais colorido ao acontecimento. Na mesa, de honra, viam-se os srs. dr. Bettencourt Viana, Encarregado de Negócios da nossa Embaixada e desempenhando, simultaneamente, as funções de Embaixador pela ausência do respectivo titular que se encontra em Portugal; Américo Padrão, presidente da direcção do grupo em festa; dr. Campos Alves, Cônsul de Portugal, ladeados pelas meninas Alda Neves e Esmeralda Couto, os quais se encontravam precedidos pela bandeira do «Espinho Viva» que era ladeada pelos símbolos de Venezuela e de Portugal. Após o serviço de uma opípara ceia tipicamente lusitana, que foi do caldo verde ao leitão da Bairrada, etc., o produtor radiofónico sr. Arlindo Silva, depois de tecer elogiosas considerações à instituição em foco, solicitou a intervenção deste servidor que, no uso da palavra, fez alusão ao «ser» do «Espinho Viva», divulgando as suas futuras e programadas iniciativas:

Oportunamente, o 1.º Concurso de Pesca Desportiva, em disputa de numerosos troféus. No Verão de 1975, excursão aérea a Portugal com passagem e permanência de três dias em Paris e em Madrid. Em Setembro, projecta-se a realização de um arraial popular — denominado Senhora d'Ajudá — com uma Banda musical, fogo de artifício, nozes, regueifa, vinho, etc. Estas foram, por agora, as primeiras e as mais relevantes iniciativas divulgadas, aliás enquadradas no plano de actividades do «Espinho Viva», que já está a organizar uma equipa de futebol de salão que usará equipamento igual ao do Sporting Clube de Espinho, como sua primeira filial. Posteriormente, Américo Padrão, narrou a sua recente viagem à Costa Verde em representação da colectividade vareira da Venezuela, focando com relevância o entusiasmo então reinante em todos os actos festivos que assinalaram os sessenta anos de vida do Sporting espinhense. Salientou a forma emocionante e calorosa como o «Espinho Viva» foi nomeado, por aclamação, a sua primeira filial. Depois, o Embaixador em exercício dr. Bettencourt Viana, que encerrou o acto, mostrou-se regozijado pelo bairrismo dos espinhenses, apетecendo

exitosa vida ao «Espinho Viva». As suas palavras culminaram com a reprodução da gravação contendo o discurso proferido pelo dr. Gomes de Almeida, presidente do Sporting de Espinho, quando este, em plena Assembleia Geral, se reportava ao «Espinho Viva» e dizia que não sabia se o «Espinho Viva» era filial do Sporting de Espinho ou se este era filial do Espinho Viva. Após estas expressões do dr. Lito, uma empolgante manifestação de palmas (espontânea explosão de entusiasmo) sublinhou as palavras do jovem e dinâmico presidente do NOSSO Espinho. Por fim, procedeu-se à entrega de emblemas de ouro do Espinho, oferecidos pela sua direcção aos dez membros dos corpos gerentes do «Espinho Viva». Foram, ainda, concedidos distintivos de prata aos senhores Embaixador e Cônsul de Portugal e aos directores dos programas radiofónicos «Serenata Portuguesa» e «Panorama Português». Concluídos estes actos, foi apresentado um excelente show artístico, seguido de baile que se prolongou até alta madrugada. Em suma: foi uma magnífica festa que serviu de pretexto e uma vez mais para realçar o nome de Espinho em terras de Simón Bolívar.

Ernesto Couto

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Móbil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

GAZETILHA

TIGRES E LEÕES

Armou-se o circo no centro
Desse «Campo d'Avenida»;
Leões e tigres lá dentro
Travaram luta renhida.

A «ménagerie» então
Era das mais afamadas:
Uma rica colecção
De «feras» bem ámeistradas!

Ao rugir desses «leões»
Contra os «tigres» a lutar,
Juntavam-se imprecações
Da multidão a ulular.

Soprava um sujeito o apito:
Era o domador das feras;
Percorria a «arena», aflito...
Mas teve decisões «béras»!

Foi por isso que o «combate»,
Que era muito equilibrado,
Devia dar um empate,
Se não fosse... deturpado!

Deu-se a vitória aos «leões»
Por um-a-zero. Marca escassa
Frente aos «tigres», com razões
Pra não sofrer essa «graça»...

Não fôra o homem do apito
Só para um lado apitar,
Tinham os «tigres» do Lito
De empatar... ou de ganhar!

No espectáculo circense
Não se venceu desta feita:
Ao menos, que nos compense...
O arrecadar da receita!

Alberto Barbosa (BEKA)

O LADO CÓMICO...

...e vai fomos todos ao patamar ver os homens subir com os caixotes estava a gente naquilo e chegou à rua um Toyota amarelo guiado por uma senhora toda rabiteza que entrou no patamar e começou logo a berrar com os homens e a dizer-lhes despachem-se que paródia é esta mas julgam que eu tenho todo o dia ou quê? vimos logo que era pessoa ruim porque os desgraçados coitados estavam atrapalhados para dobrar as esquinas do patamar que é pequeno com aqueles caixotes tão grandes mas ela não ficou por aí quando os caixotes lá chegaram acima obrigou os homens a abri-los e disse que se eles não se despachassem mandava-os ao chefe do posto o que espantou toda a gente cá na Graça tem um posto de enfermagem mas não é posto a que se mande gente só porque não se despacha a abrir caixotes enfim quando os homens lhe apresentaram a conta desatou aos berros a dizer que a conta era um roubo e que eles é que lhe deviam dinheiro a ela por não terem defendido como era seu dever com esta os homens ficaram pasmados a olhar para o tecto que é bem giro tem uma cruz de estuque ao meio e uma frase em relevo que é IN HOC SIGNO VINCES vai um que era assim mais gordo e tinha cara de curioso perguntou a medo onde é que agente devia ter defendido a senhora mas que história é essa e vai ela, ficou numa fúria e desatou aos berros então você seu marmanhão não tinha corpo para ir combater em África? seu covardolas e o homem espantado a olhar para ela até que lá lhe saiu pela goela eu em África mas o que é que eu ia fazer em África? e ela numa fúria ia defender o que é seu e enquanto dizia isto tirava do caixote uma baixela de prata que não lhes digo nada só bules tinha três de maneira que eu pus-me a pensar que ela se tinha enganado com aquela do homem ir para a África defender o que era dele porque via-se pela baixela que o que ia defender se lá tivesse ido era o que era dela mas não tinha ido é o vais que a mãe dele não o tinha criado para ele ir para a África defender os bules do raio da mulher que continuava aos berros aqui onde me vê sou uma sacrificada tenho quinze anos de África enquanto tirava dos caixotes salvas de prata um serviço de mesa de fazer estalar os candeeiros molduras bestiais pratos da China até que o homem tirou os olhos do HOC SIGNO VINCES e disse e eu tenho quinze anos de Lisboa e nem um cinzeirinho de prata parece que o sacrifício lá na África não foi assim tão mau como isso tudo parece que tinham pegado fogo ao diabo da mulher que desatou aos berros a dizer que ele era um bandido um comunista um malandro que se estivesse em África ia entregá-lo ao chefe do posto para o desancar e mais isto e mais aquilo vai os homens foram-se embora a rir às gargalhadas pelas escadas abaixo e durante uma hora a gente esteve à janela a dar a notícia às vizinhas mas passada uma hora ela bateu à porta da minha mãe que a mandou entrar para a sala.

...val a meio da conversa começou a queixar-se da casa que não prestava que não tinha os quartos a que ela estava habituada que lá na África tinha jardim e dois pretos jardineiros e que isto cá não era maneira de viver que o meu pai tinha sido um infame porque o dever dele era ter ido para a África defender uma coisa a que ela chamava o bem comum mas que não explicou o que era se calhar era os bules de prata que ela tirou do caixote e val perguntou onde é que a minha Mãe guardava o jeep e quando soube que o meu pai jeepava a pé começou a dizer que não pode viver neste país que é um disparate que atraiçamos os valores mas não explicou o que eram os valores se calhar eram os bules de prata e que ia para a África do Sul onde ainda davam valor ao valor e eu pensei que isso o que queria dizer é que lá na África do Sul os bules estão mais caros enfim temos uma vizinha nova que vai animar muito a vida cá da Graça se estiver muito bem caladinha porque se começa a abrir a boca leva uma rasteira que nem na África do Sul a aceitam.

GUIDINHA
(do «D. L.»)

RASCUNHOS

la quase a dizer que sou contra os bêbados. Mas emendo a mão para afirmar simplesmente que não gosto de bêbados. Fujo-lhes o mais possível, até porque a sua maior parte é constituída por tipos incomensuravelmente chatos.

Não é caso de eu ser abstémio. Já aqui disse que gostava de cerveja e alguém me podia chamar mentiroso. O que não tenho sido porque tudo quanto aqui tenho escrito assenta os alicerces na realidade. Eu até gosto de um bom vinho, engorgitado comedidamente e como música de fundo de uma refeição.

Mas, efectivamente não gosto de bêbados, apesar de em alguns reconhecer razões que bondem para tentar esquecer nos decilitros alcoólicos as agruras da vida madrastra.

Volta e meia, no entanto, por força das circunstâncias, tenho que ouvir ou aturar alguns, peganhosos como lapas às rochas, ou adesivos como os avarentos ao dinheiro.

No passado domingo, no estabelecimento onde me encontrava, entraram dois amigos de Baco. Braço dado, bonés às bandas, olhos piscos, cheirava-se à distância o tintol engolido em doses industriais. Mas eram dois autênticos palhaços. Dois bons pontos.

Começaram por pedir ao empregado de mesa um copo de leite. Que beberam como se fosse oriundo da melhor adega do mundo e não de qualquer teta de pachorrenta vaca. Satisfeitos, voltaram a beber um copo de leite. Talvez com o paladar agredido, encomendaram então uma taça de vinho e, mais tarde, vim a topá-los noutra local, a beber já não sei se café se cerveja.

Entre os sorvos dos variados líquidos mencionados antes, cantaram o Grândola, berraram slogans políticos, vituperaram políticos de antes de 25 de Abril, fizeram trinta por uma linha. Renda-se-lhes a pública homenagem que nunca pronunciaram palavras fora da linha que é de uso acatar em locais públicos.

A certa altura, um deles, que afirmava ter vindo há uns anos a Espinho para ver um desafio de futebol e ter cá ficado para sempre, saiu-se com esta, virado para o companheiro da alegria: «Eu cá sou do P. P. B. Tu sabes o que é o P. P. B? Partido Popular dos Bêbados».

E, pondo o polegar na boca, fingindo ser o bocal da garrafa que a mão figurava, acrescentou ainda: «E sou activista».

C. P. M.

Novo compromisso político

(Continuação da página 1)

viço dos humilhados e ofendidos. O socialismo que procuram realizar, não é uma exigência lógica da sua fé, mas nela bebem forças para persistirem num combate comum onde outros homens, partindo de horizontes diferentes, igualmente se empenham.

O capitalismo é incapaz de resolver os graves problemas que afectam o homem. A alienação do trabalho que o capitalismo provoca como seu fruto natural, só pode terminar quando todos os homens ou pelo menos o seu maior número alcança a gestão económica dos meios de produção. Para eles também a via do socialismo passará pelo nivelamento das condições económicas e sociais, far-se-á uma maior aproximação entre os homens e a paz entre os povos será a paisagem habitual.

O HOMEM NOVO

O projecto desta sociedade não se limita à reorganização da economia, implica a criação do homem novo, ele mesmo autor e agente do seu próprio destino na história. O cristão mais uma vez descobre a premissa do Evangelho: não fala ele do homem novo e da necessidade de nascer de novo? Tanto mais que para ele, o Evangelho e as suas exigências, escapam pelo seu dinamismo, à denúncia da religião feita por Marx: ópio do povo. Mais, contribui para o realismo de todas as revoluções que querem fazer de novo todas as coisas, evita que se quedem pelas utopias exangues.

Levar a cabo uma autêntica revolução social e cultural é uma tarefa que tem de ser obra do próprio povo e partir dos seus valores. As disparidades sociais e culturais que a situação económica de injustiça provocam, obrigam o cristão a rever a noção, tão mal compreendida do pecado; as estruturas opressoras da sociedade são cristalizações do pecado. Daí a urgência de uma conversão à justiça que se não pode limitar à consciência pessoal; tem de abranger a circunstância social onde emerge.

No homem novo que o cristão contribui em fazer pelo seu espírito, a liberdade, a fraternidade, o amor e a solidariedade não são gritos lançados para a praça pública. São compromissos efectivos. A liberdade não é apenas um simples direito inscrito nos códigos e constituições; é um valor de que se reclama e capaz

de tomar novas formas e expressões de harmonia com o momento histórico: capaz de inspirar novos valores culturais; estimula o esforço criador de novas formas, mais livres, de convivência social; impulsiona a imaginação criadora para a construção original e fecunda de um novo povo, agora que se encontra senhor do seu destino, em vias de se libertar da ignorância, decidido a entregar-se às tarefas da politização que favoreça a nova ordem de justiça e a mobilidade social.

A nova sociedade portuguesa tem de basear-se numa verdadeira fraternidade, cuja criação deve ser a meta do homem e das sociedades. Mais uma vez, o cristão encontra neste ponto a exigência evangélica. Saber-se filho de Deus não é simples atitude idealista. Não se reduz a mero enunciado; é uma obra a fazer. Significa criar fraternidade. Exige a luta contra toda a injustiça, opressão e exploração do homem. Supõe o compromisso na criação de uma sociedade mais justa e fraterna.

Até agora o discurso cristão tem sido ineficaz. A muitos cristãos custa-lhes falar de caridade e amor, tão esvaziados estão estas palavras e tantas vezes ofereceram cobertura ao conservantismo político, ao imobilismo social e à continuidade da ordem estabelecida. O amor ao próximo tem de revestir novas formas. Poder-se-á falar de caridade política? Implicará a eficácia e o esforço político e social constante para suprimir as causas da opressão que gera a pobreza.

Significa a capacidade de escolher os meios tecnicamente mais aptos para transformar a sociedade injusta. O plano, a programação, o compromisso concretos na vida política e económica do seu povo, eis modalidades de acção que o arrancam ao idealismo do amor e o hão-de forçar ao realismo da prática onde descobrirá, sem se amedrontar, as dificuldades da realização. Além disso, mantêm-no pronto para a denúncia de novas situações de injustiça que porventura tentem estabelecer-se.

Por fim, a solidariedade não se limitará a uma atitude emocional, que desperta só nas grandes catástrofes. É uma consequência permanente, concreta, histórica. Ser solidário é tomar o partido dos pobres e dos explorados, numa palavra, estar ao lado dos trabalhadores, por uma civilização do trabalho em que o dinheiro perca os direitos abusivamente impostos.

(Do «JORNAL DO FUNDÃO»)

ECOS DO NOSSO TEMPO

Reivindicações

Transcrevemos parcialmente o que no «D. L.» escreveu Mário Castrim:

«Hoje, se todo o mundo trabalha mais, o nosso país terá mais possibilidades de criar mais riqueza e, portanto, estará em melhores condições para enfrentar ameaças e imposições. Estaremos tanto menos dependentes, quanto mais abastecidos estiverem os nossos celeiros.

Se os operários trabalharem menos, se todo o mundo produzir menos haverá faltas, carências, desorganização, desorientação, descontentamento. Chateiam-se os médios burgueses, chateiam-se os pequenos burgueses chateiam-se todos aqueles para quem o mundo tem exactamente o perímetro da sua barriga. Começam a aparecer queixumes ou protestos: **então é assim a liberdade? Então querem encher-nos o papo com palavras bonitas?** E assim por diante. Daí a aceitarem compromissos perigosos com a massa do imperialismo, vai um passo. Porque só vêem a mandjedoura, o supermercado, se quiserem mais moderno.

Mas a classe operária sabe que nada ganharia com isso. Pelo contrário. Ao obedecer ao seu instinto que o levaria a fugir à exploração, acabaria por se entregar nos braços da exploração máxima.

Ou seja: aquela de que salu em 25 de Abril.

E mais adiante:

Vejam o Otelô Saraiva de Carvalho. Era um homem forte em Maio, lembram-se dele na Televisão, lembram-se? Esmagado de preocupações, de trabalho. Sem horário nem para comer. Qualquer dia está lixado, o palerma! Podia ter o seu horarizinho, a sua secretariázinha, o seu des-cansozinho...

Qual será o miserável patrão que explora este homem? Por quem sacrifica este homem a saúde, o convívio, a juventude?

E ainda:

Na semana passada viram o nosso Primeiro Ministro Vasco Gonçalves na Televisão. Nesse dia levantara-se às nove horas e deitara-se às cinco da manhã. Este homem tem duas secretárias: uma que o assiste durante o dia, outra que o assiste durante a noite.

Sem qualquer espécie de horário. É infame! É indecente! Não há direito! Este homem precisa de sair prá rua, a manifestar-se, a empunhar um cartaz: «Abaixo a exploração! Viva a classe trabalhadora! Exigimos o horário de 30 horas semanais! Abaixo o capitalismo!»

E o Presidente da República, amigos, que raio de horário é o deste homem sem horário? Já alguém o viu reivindicar menos horas de trabalho?»

Os Muros

O Muro de Berlim tem intenções muito mais vastas do que essa de ser um controlador da emigração clandestina. Visa marcar, de forma ostensiva, significativa, que há um fosso enorme entre Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental, que há um oceano de divergências entre Leste e (um certo) Ocidente. Numa Europa profundamente dividida, que significa mais um muro, mais um gueto mais uma fronteira? Ademais, inventaram os alemães do Leste alguma coisa? O Muro é alguma novidade para os alemães do Oeste? Decerto que não, porque já desde os anos 30 que eles estão habituados a ver muros cercar zonas confinadas. Se não foram eles os inventores do gueto, foram os reinstauradores, no século XX, dessa instituição medieval. As pessoas que protestam contra o Muro de Berlim terão, oportunamente, protestado contra o muro que cercou o gueto de Varsóvia? Decerto já protestaram, porque, desde 1961 mais de cem pessoas morreram ao tentar atravessar clandestinamente o Muro de Berlim. Mas deve não esquecer-se nunca que as vítimas do Muro de Varsóvia foram dezenas de milhar — e não em dez anos, em poucas semanas apenas... Um povo, como o russo, que teve vinte milhões de baixas causadas pela ferocidade nazi não é de desculpar, pelo menos, ao apoiar a construção de uma barreira que marque bem que eles nada querem com os herdeiros (ou com os factores?) de uma situação brutal que lançou o Mundo na guerra?

Por que tanto preocupa certas pessoas o Muro de Berlim quando na Terra pululam ainda os guetos de toda a natureza? Por que tanto as preocupa quando as fronteiras políticas aí estão, nesta dividida Europa, a separar os irmãos, os pais, os filhos?

Que é, mais do que tudo isso, o Muro de Berlim? É apenas um monumento a uma situação de facto, uma recusa de um tempo ido que não se quer que volte, um aviso para que ninguém tente de novo pôr o pé, no cachaço do seu irmão. Uma obra de construção civil que, pelo menos, não tem a hipocrisia dos muros e dos guetos invisíveis que constantemente estamos a erguer à nossa volta para nos separar dos outros — dos mais pobres, dos mais incultos, dos menos esclarecidos politicamente, dos de cor de pele diferente, dos do Leste ou dos do Oeste. O Muro de Berlim, pelo menos não finge ser; ele é!

(SÉRGIO ANDRADE, do «J. N.»)

Violência antidemocrática

Em nome do respeito democrático, o Governo e os partidos da coligação governamental vieram solidarizar-se com o C. D. S., vítima de violências que pretenderam impedir um comício seu no S. Luís de Lisboa e destruir a sua sede, também na capital. Esses actos violentos foram reprimidos também violentamente por forças policiais e alguns dos responsáveis foram detidos.

Tudo isto contra elementos de uma alegada extrema esquerda. Violenta, antidemocrática e provocatória. Pois.

Mas agora os jornais noticiam que uma sessão de esclarecimento do Partido Comunista, a realizar no salão de festas dos Bombeiros Voluntários de Lagares da Beira, por iniciativa de um grupo de jovens, «não chegou a realizar-se em virtude de um grupo ter agredido fisicamente os seus organizadores».

Ora não há, neste caso, notícia alguma de reacções do Governo, dos partidos da coligação nem do C. D. S., que até da outra vez veio à televisão agradecer a solidariedade recebida. Não há notícia de intervenção das autoridades, nem de detenções. Ora se o comportamento democrático tem de ser exigido num caso, também tem de ser noutra. Os arruaceiros terão de ser chamados à responsabilidade dos seus graves actos fascistas.

Se o respeito pelos direitos de opinião e de reunião é exigido no Chiado, também terá de ser exigido em Lagares da Beira. Aguardamos que o assunto seja esclarecido pelas autoridades respectivas e pelos partidos democráticos. Com televisão e tudo, pois o que se passa no Chiado tem de se passar do mesmo modo em Lagares, da Beira ou do Minho.

(MANUEL DE AZEVEDO, do «D. L.»)

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. L.DA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão
Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

"HERCULES"

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 - 311991 - 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS • ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

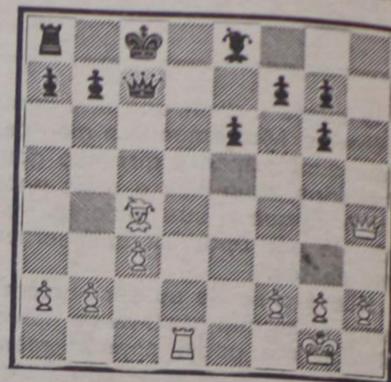
Vamos jogar Xadrez

PROBLEMA N.º 10

Por Henrique Clerco

Da partida Garcia-Luckis (Buenos Aires, 1965). As brancas decidirão imediatamente a luta, tirando partido da mal protegida linha do seu adversário. Este tema permite o rápido ganho de material.

Se o leitor conseguiu resolver este problema em dois minutos pode considerar-se um jogador de primeira categoria. Se gastou mais de vinte minutos, então será apenas um aficionado. Mas não desmereça, continue a sua aprendizagem xadrezística.



AS BRANCAS JOGAM E GANHAM

Solução do problema n.º 9 apresentado na passada semana:

1. ...PXB; 2. CXD., BXP+; 3. TXB,

PXP+; 4. R1B (Se 4. R1T? CXT mate), P8T=D; 5. R2R, B5C+; 6. T3B, DXP+ e ganham.

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

RETOMOU A CLÍNICA

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218
ESPINHO

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º
Telefone 33868 — PORTO

 Restaurante Snack — Discoteca CABANA	T E L.	<p>SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.</p> <p>Na Discoteca Aos domingos — Matinée Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal</p>
	9	9
	2	2
	1	1
	3	9
	2	6

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

CASA LUCIANA *Boutique*

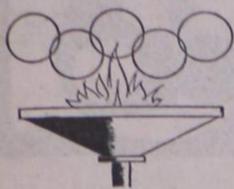
Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

Leia e assine a "DEFESA"



desporto



FUTEBOL

Nacional da 1.^a Divisão

S. C. de Espinho, 0 — S. C. de Portugal, 1

Demasiado mansos os «tigres» e os «leões»

No «Avenida» a registar a maior enchente de sempre em tarde de verão, em pleno Outono, João Gomes (Porto), acolitado por Gomes Pinhal (bancada) e Amorim da Silva (peão), dirigiu o jogo entre Sporting de Espinho e Sporting Clube de Portugal.

As equipas alinharam:

ESPINHO: Aníbal; Ribeirinho, Simplício (cap.), Washington e Valdemar; João Carlos, Bené (Meireles, aos 70 m.) e Júlio; Ferreira da Costa (Gaúcho, ex-V. da Baía, aos 70 m.), Augusto e Telé.

Suplentes: Arménio, Pinto Ribeiro e Peres.

SPORTING: Damas; Manaca, Bastos, Alinho e Da Costa; Wagner (cap.), Nelson e Baltasar; Chico, Dé (Marinho, aos 73 m.) e Dinis.

Intervalo: 0-0

Golo: aos 60 m., canto por Wagner, a meia altura, surge rápido DE, e subtil desvia o esférico para as malhas.

1 — A essência do futebol é o golo. Todavia, hoje, as preocupações defensivas espartilham as equipas. E transformam o jogo. E cerceiam a finalidade do futebol. Fazendo soar a expectativa. Desapontando os amantes da bola.

2 — Assim aconteceu uma vez mais. De um lado o campeão nacional. Do outro o neófito. Exigir bastante àquele. Exigir bastante menos a este. Exigir muitíssimo mais (a ambos) do que fizeram no domingo. Do que não fizeram!

3 — Sistemas táticos de (flagrante) tendência defensiva. De pouco arriscar. Futebol nada versátil. Pouco objectivo. Bastante confuso. Sem profundidade. Com «déficit» atacante pronunciado. De escassas jogadas, com princípio, meio e fim. Próprios afinal de um jogo colectivo, com um fito a atingir: a baliza. E remates? Remates, remates? Chegam os dedos duma mão para os contar.

4 — Equilíbrio (manifesto) no primeiro tempo. Sem supremacias. Os paredeões defensivos dominavam os ataques desfalcados. Atacantes que andam 90 minutos à espera duma brecha, duma oportunidade. Bitola técnica (muito) abaixo do exigível para a primeira divisão. E para mais da parte do campeão nacional. Táticas estereotipadas, sem aventurar, sem tirar o melhor partido (ambos).

5 — Panorama idêntico na segunda metade, mas... o índice físico económico, a exercer (ligeira) vantagem. Um golo (feliz) quando ninguém esperava golos. Só realmente de «canto». E quem mete um golo, neste tipo de futebol... tem (mil) hipóteses de vencer. Venceu, portanto, o Sporting, com jus pela supremacia (breve) da etapa final. Todavia, os «tigres», não mereciam o desaire.

6 — Má propaganda do jogo. Para mais, «leões» (vários) e «tigres» (poucos) não foram (nada) meigos e, zás, que o árbitro não trazia «amarelos». O Sporting de Espinho, longe do índice contra o Vitória de Setúbal ou Benfica, outros de igualha leonina. Exibição pouco esclarecida, discernida. Enfim, negativa. O Sporting desiludiu-nos, como campeões e candidato.

7 — Aníbal (só uma fífia emendada), Washington (muito bem), Ribeirinho, Valdemar (recuperar o sítio é o diacho...) bem; Bené, Ferreira da Costa, J. Carlos cumpriram com intermitências; Júlio, em tarde não, apesar de sempre esforçado; Telé (anda atrás da forma) e Augusto? Como hão-de bater defesas superiores até em numerário? Meireles e Gaúcho? Só 15 m. é pouco, mas o (novo) brasileiro parece expedito e com olhos para a baliza. Será verdade?

8 — O árbitro e auxiliares, incoerentes, errando para lá do comezinho, esquecidos dos «amarelos» e prejudicando mais os «tigres», embora sem influência no resultado. Também nada adianta os insultos e, caramba, é tempo de se principiar a criar outra mentalidade nos campos de futebol.

Carlos Sárria

HÓQUEI EM PATINS

O hóquei do amanhã

Decorreu em Valongo um festival de encerramento do Campeonato do Porto na categoria de infantis, prova que teve por vencedora a equipa da A. D. Valongo. Constatou este festival de um jogo entre a turma campeã e a selecção A, de outro jogo entre as selecções B e C, e de uma gincana para meninas e rapazes. Em confirmação do valor dos seus jovens hoquistas, a A. A. de Espinho teve seis seleccionados, tendo Brito, José Silva e Vitor Hugo alinhado na A, Gabriel e Sousa na B, e Vitor Gil na C. A selecção principal empatou (2-2) com a A. D. Valongo, sendo Vitor Hugo o autor de um dos golos. Nas gincanas as patinadoras espinhenses Teresa Ribeiro e Vanda Brandão chamaram a si os dois primeiros lugares, tendo em rapazes Toni Brandão e Lima obtido os 3.º e 4.º lugares.

No final desta festa hoquista, procuramos ouvir duas opiniões de pessoas com larga actividade nesta camada de patinadores. Primeiro abordamos Ferreira Gomes, a quem foi competida a função de seleccionador das equipas que participaram no festival. Trata-se de uma pessoa residente na vizinha Praia da Granja, que há oito anos se dedica, no Clube Infante de Sagres, à árdua tarefa de

ensinar miúdos a patinar e a jogar hóquei. Quanto ao campeonato, disse-nos:

«Teve um bom nível, um bom vencedor, sendo de salientar a boa réplica da A. A. Espinho, que esteve ao nível do campeão. Quanto a mim a Académica não ganhou o campeonato pelas próprias contingências do jogo. Considero que esta prova foi uma belíssima propaganda da modalidade, pois alguns dos jogos atrairam assistências bastante numerosas.»

Depois registamos as palavras do jogador Pires, conhecido hoquista, que se estreou magnificamente como treinador ao assumir a orientação da equipa campeã. Eis as suas afirmações:

«Achei o campeonato bom, com um vencedor justo, devendo no entanto salientar que a Académica de Espinho tem uma equipa de grande futuro. A prova deu origem a vislumbrar-se a hipótese de uma boa fornada de promissores hoquistas, como, por exemplo, Franco e Vitor, do Valongo, Gil, dos Carvalhos, e José Silva e Vitor Hugo, da A. A. E.»

DAVID

VOLEIBOL

CAMPEONATO REGIONAL DE SENIORES

S. C. ESPINHO, 0-LEIXÕES, 3

CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

ESMORIZ B, 3-S. C. ESPINHO, 1

SCE—Adrego, Jorge, Teixeira, Paula, Vingada e Azevedo.

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

A. A. ESPINHO, 3-S. ESPINHO, 1

AAE — Paulino, Barra, Serrano, Lacerda, Moneiro, Carlos Alves, António Pinto, Baptista e Fidalgo.

SCE — Pereira, Marques, Alvaro, David, Tavares, Rogélio, Cascais, Miranda, Pinheiro e Azevedo.

Excelente vitória dos jovens da Académica de Espinho num jogo muito agradável de seguir. Boa arbitragem.

TORNEIO DE INICIADOS DA A. A. E.

S.C. ESP., 3-A.A. ESP., (A), 0

SCE — Fernando, Rocha, Sousa, Pinto, Maia, Carvalhos, Alberto Mário, Silva, António e Aveilino.

AAE — Orlando, Sárria, Tony, Valente, Albino, Casimiro, Ribeiro, Ricardo, Pais.

Vitória fácil dos «tigres» perante uma equipa que apresenta muitos defeitos.

A.A. ESP. (B), 3-C. CARV., 2

AAE — Jorge, Rui Couto, Iglésias, Lacerda, Maltez, Fidalgo, Rogério, Duarte e Peixoto.

Jogo muito equilibrado, tendo vencido a equipa com mais sorte. A equipa da Académica de Espinho, voltou a jogar, muito mal.

COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA AC. DE S. MAMEDE

FEMININO

S. MAMEDE, 3-AA ESPINHO, 0

AAE — Dina, Nanda, Fátima, Tucha, Amélia, Lurdes, Filomena e Paula.

TASC

PRÓXIMOS JOGOS

VOLEIBOL

7-12-74

JUNIORES

18,00 — S. C. ESPINHO - VILAR ANDORINHO — No Pavilhão do SCE.

Hóquei em Campo

Reservas:

Académica, 0-Porto, 2

Honra:

Académica, 1-Vilanovense, 0

Alinharam: Sancebas, Albano, Raimundo, Meneses, Lima, Miro, Amílcar, Manuel José, Oscar, Rocha e Adérito.
Marcador: Rocha.

SENIORES

22,00 — A. A. ESPINHO-SANTO TIRSO — No Pavilhão da A. A. E.

8-12-74

JUVENIS

10,30 — S. Mamede-A. A. de Espinho — Em S. Mamede.

TORNEIO DE INICIADOS

10,00 — S. C. Espinho-Carvalhos — Apuramento do 3.º e 4.º classificados.

11,00 — A. A. Espinho-Esmoriz — Apuramento do Campeão — Jogos no Pavilhão da A.A.E.

13-12-74

JUVENIS

21,30 — Esmoriz-A. A. de Espinho

Camarote da Imprensa no Avenida

É aplaudível o esforço dos dirigentes espinhenses na transformação do «Avenida». E de enaltecer o mérito do responsável pelo pelouro de obras, Marçal Duarte, naquela mudança radical e verdadeiramente boa.

Todavia, naturalmente que nem tudo se pode fazer num ápice e já muito se fez. No entanto, também, naquilo que está feito, podem surgir deficiências. E o caso do Camarote da Imprensa destinado a todos os sectores da informação: jornais, rádio e televisão.

É pequeno. Demasiado pequeno, para uma primeira divisão. E, então, em jogos de grande cartel, nem se fala. Mais uma vez assim aconteceu, pois só a rádio ocupava quase todo o local. Portanto, os homens dos jornais, tiveram de buscar até assento na bancada dos «cativos», trabalhando no joelho, enquanto outros em pé, no referido superlotado camarote.

Falta também lá um telefone como falta junto das novas cabines no Pavilhão, que possibilite aos homens da Imprensa, não dizermos fazer chamadas, mas, ao menos, recebê-las dos seus órgãos, até para prestarem esclarecimentos ou transmitir qualquer nota de reportagem de interesse imediato justificável.

Aqui ficam os reparos, com sentido construtivo, lembrando nós ainda que seria bom o camarote ter uma saída independente e a banca onde se escreve estar um palmo mais à frente.

Estamos certos de que as deficiências serão corrigidas até porque no jogo com o Futebol Clube do Porto val ser o «fim do mundo».

O. S.



NOTA DE ABERTURA

Para além do fascínio

Todo o espectador de imagens em movimento, seja no cinema ou na televisão, realiza perante a tela uma experiência de maravilhamento. As imagens, que um complexo processo técnico e electrónico projecta diante dos olhos, vêm carregadas da novidade suficiente para embevecer o espectador, ainda o mais esclarecido. Por novidade se entende aqui uma característica que pouco ou nada tem a ver com o facto de, pela primeira vez, se atentar em algo. No cinema ou na televisão, os locais, os personagens, até mesmo as situações mostradas, são habitualmente semelhantes às do nosso quotidiano. Isto que, em última análise, é da própria natureza de meios de expressão tipicamente realistas, maior oportunidade assume actualmente, quando as câmaras viram costas, cada vez mais, às fáceis efabulações da imaginação romântica, para atentarem criticamente na realidade ambiente.

A realidade existe a outro nível — no modo como o espectador reencontra as coisas e as pessoas. O realizador do filme ou da série televisiva, a legião dos técnicos, os diferentes meios e máquinas utilizadas, tudo isso constitui uma longa cadeia que torna possível ao espectador ter diante de si situações e personagens tantas vezes semelhantes às do seu pacato quotidiano, nas vistas de modo diferente postas em destaque, tornadas espectáculo à discrição.

E o espectador comum, irreflectido, não vai mais longe na sua apreciação da avalanche de imagens com que a televisão ou o cinema tendem a submergi-lo... «Ainda bem que assim é; é como se tivéssemos o mundo na nossa mão». Quem não terá ouvido este «beatífico» comentário?

No entanto, a realidade é bem diferente. Quer se trate de uma obra de ficção ou de uma reportagem de tendência realista, as imagens que passam na tela supõem um autor e a sua concepção do mundo, sempre incarnada subjectivamente, supõem condicionamentos económicos, ideológicos e outros que liberta ou ocultamente se exercem sobre o autor. E se as imagens projectadas não procedem de uma coerência expressiva de uma vontade consciente de verdade e autenticidade, importa supor ainda a presença de inconfessáveis propósitos (propaganda, sobretudo).

Por tudo isto, quando se afirma que filmes de qualidade formam e aperfeiçoam o espectador, o raciocínio está incompleto. Enquanto se não tiver proporcionado o modo de cada espectador, em presença da sua ideologia ou crença, ser capaz de formular o seu juízo próprio, de tomar posição pouco se terá adiantado numa relação dinâmica da televisão ou do cinema para uma cultura autêntica.

José Vieira Marques

III FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

Para lá dos Filmes, a dinamização (II)

Crónica de JOSÉ LEITÃO RAMOS

Alguns clássicos do cinema novo foram também exibidos no Festival. Clássicos, não pela sua idade mas pela imediata importância que assumiram para quem queira daqui para o futuro escrever qualquer obra sobre a evolução do cinema nestes últimos anos. Estão neste caso **Week-end** de Jean-Luc Godard, **Pouco a pouco** de Jean Bouch e **Deus e o diabo na terra do sol** de Glauber Rocha. Se Godard é hoje considerado a mais importante personalidade do cinema nos últimos vinte anos, esse título não nasceu de campanhas nos jornais ou de sensacionalismo fácil. Se não houvesse **A bout de souffle** (**O Acossado**), **Made in USA**, **Pierrot, le fou** (**Pedro o louco**), **Deux ou trois choses que je sais d'elle**, se não houvessem as milhares de declarações contraditórias, fascinadamente lúcidas, se não houvesse um percurso exemplar da OAS (**Le petit soldat**) à guerrilha palestina, o filme **Week-end** de Jean-Luc Godard, **Pouco a pouco** de Jean Bouch e **Deus e o diabo na terra do sol** de Glauber Rocha não seriam conhecidos. Não cabe aqui uma crítica detalhada ao filme nem à personalidade do seu realizador; desde já chamo no entanto a atenção para esta obra apocalíptica e raivosamente destruidora, a anunciar as barricadas de Maio, afinal, esquecidas passados que são apenas seis anos.

Cento e oitenta graus separam Rouch de Godard **Pouco a pouco** não é uma revolução. O seu realizador faz filmes com aquela despreocupação de quem entende que a vida é mais importante que o cinema. O cinema de Jean Rouch não é mais que a efabulação da vida, irónica; ou Renoir a surgir na memória. Politicamente humanista (o que quer dizer, aqui, adverso de sistemas), é por isso um filme a ser atacado à esquerda e à direita, como o foi, aliás, na Figueira da Foz.

Eisenstein não nasceu no Brasil. Se tivesse nascido talvez não desdenhasse uma obra como **Deus e o diabo na terra do Sol**, filme com que Glauber Rocha inaugurou o cinema novo brasileiro e levou a todo o mundo a noção revolucionária da estética da fome. Dez anos depois,

estética e politicamente esgotado o seu autor, este é um filme a provar a vitalidade de uma geração que, no maior país da América Latina, pôs de pé um verdadeiro cinema de vanguarda a que os militares do 31 de Março vieram liquidar. Mas o Festival da Figueira da Foz não foi apenas (?) um repositório de mais de trinta filmes durante oito dias. Nem essa é a sua vocação fundamental. De facto a equipa do CEAC que o pôs de pé coloca a tónica no aspecto de dinamização do público que a simples exibição de filmes obviamente não faz. Assim, através de textos de apoio, de críticas, mas principalmente dos debates se procurou levar às pessoas presentes no Festival a noção de que o cinema não é qualquer coisa que consuma passivamente é um objecto cultural a discutir, a rejeitar ou a aceitar, a pôr em causa, é, no fim de contas algo em que desde a montagem ou a cor até ao enquadramento político-social da sua gestação e da sua apresentação, tudo se interliga, condiciona e influi dialecticamente. Esta posição, amplamente compreendida por grande parte do público do Festival, originou uma curiosa confrontação de pontos de vista sobre os filmes, uma verdadeira aproximação colectiva do objecto em discussão. Este um aspecto que nunca é de mais referir.

Se importante foram os debates e exibições no Casino da Figueira da Foz, importante foi também a ida de equipas de animação a algumas aldeias em redor, lá onde o cinema nunca chega, lá onde é preciso que ele chegue rapidamente. Transportando consigo todo o material necessário à projecção de filmes essas equipas exibiram alguns dos filmes do Festival (caso de **Casamento em Branco** ou **A Audiência**, por exemplo) seguidos obviamente de debates, debates esses que se revelaram de uma vivacidade e de um interesse notáveis, vindo afinal comprovar a carência de espectáculos de qualidade nas pequenas terras do nosso país e a necessidade premente de um trabalho continuado de animação cultural que urge lançar à escala nacional.

Mass-media e informação

(Conclusão)

O CONSUMO UNIFORMIZADO

Os mass-media, fornecendo um certo tipo de valores culturais, um certo número de pontos de referência actualizantes, não podem ser nem são meios de informação seleccionada ao serviço de uma linha de orientação pré-estabelecida. Podíamos dizer (sem recear a aparente incongruência) que a informação dos acontecimentos pré-existe a eles próprios. E visando, como na realidade visam, os mass-media o grande público, opera-se através deles uma comunicação intelectual colectiva. É aqui, nesta fase do problema que se verificam a força e a fraqueza dos mass-media. Uma força porque as técnicas de difusão actuam num mesmo instante sobre uma massa considerável e heterogénea de indivíduos isolados e diferenciados que sofrem ao mesmo tempo a mesma pressão. Uma fraqueza porque uma das regras mais fundamentais da comunicação intelectual é a individualidade da mensagem. E é também neste ponto que se começa a operar a massificação através dos mass-media. Assim, vários milhões de cidadãos diferenciados e irrepitíveis entre si sofrem uma uniformização de consumo, material ou espiritual, tendente a criar uma uniformidade de reacções e comportamentos, tanto na vida corrente como na vida espiritual e política. Deste modo se organiza aquilo a que os americanos chamam *common way of life*. Já a isto se referiu Roger Priouret (*L'Express*, 11 de Maio de 1951) ao notar como um facto importante como a produção de massa vem a condicionar os seres humanos por um mecanismo subtil e difícil de controlar. Ainda há 50 anos, patrões e operários não consumiam os mesmos produtos além do pão, das cebolas, das batatas; hoje a parte de consumo comum foi alterada em proporções enormes. Há 50 anos,

os filhos do operário e do patrão não encontravam pontos de contacto que possibilitassem o diálogo porque era inexistente um fundo comum de conhecimentos e interesses. Hoje eles em centenas de assuntos, desde os carros, aos discos passando pelo desporto, pelo cinema, encontram pontos de referência culturais que já fazem parte dum património comum.

As técnicas de difusão colectiva, como alerta Roger Clause, desencadearam processos de uniformização e de massificação que se sobrepõem aos processos de industrialização e de urbanização. Esta massificação, desencadeando frequentemente atitudes e comportamentos maciços activos ou passivos, preocupa uma minoria lúcida que não quer ir na onda.

Onde está o homem quando é introduzido na massa?

Cada vez mais se verifica a urgente necessidade de um espírito crítico que reabilite o homem massificado através de uma tomada de consciência da sua situação. A pessoa humana de cada um de nós essa pessoa única, irrepitível, encontra-se ameaçada pela máquina asfixiante e uniformizante.

Até que ponto não será o espírito crítico a única arma potente para a luta com a Máquina pressionante e condicionante? Mais além: não será a descoberta da nossa condição o momento capital na luta pela autenticidade de cada um de nós? Em última análise, não será pela contestação descomprometida de uma sociedade que procura uniformizar e castigar a verdade intrínseca de cada homem que esse mesmo homem encontrará o primeiro momento da sua libertação?

António M. Rebordão Montalvo



**Senhores
Comerciantes
e
Industriais
VEM AÍ O
NÚMERO DE
NATAL
DA «DEFESA»
Contamos com os
vossos ANÚNCIOS**

Câmara Municipal do Espinho
Rua -117
ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO